

EIXO TEMÁTICO 8 | CULTURA, SOCIEDADE E IDENTIDADES

A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO SOCIAL E RELIGIOSO NO PROCESSO DE LUTO POR SUICÍDIO

THE INFLUENCE OF THE SOCIAL AND RELIGIOUS ENVIRONMENT ON THE MOURNING PROCESS FOR SUICIDE

Ana Cecília de Figueiredo Barreto Amorim¹

Gabriela Oliveira Lima²

Sibely Magalhães Lima³

Mayara Carneiro Alves Pereira⁴

RESUMO

A morte é um fenômeno ainda pouco discutido, mesmo se tratando de uma certeza e sendo uma das etapas do desenvolvimento humano. No contexto do suicídio, essa morte voluntária, agrava ainda mais a dificuldade de falar sobre esse tema, o que conseqüentemente reflete na forma dos enlutados de lidar com o seu luto. Porém, ao decorrer do tempo foram surgindo vários estudos sobre o luto, propiciando um aprofundamento do conhecimento e ampliando a visibilidade desse tema outrora considerado tabu. Diante disso, este trabalho tem por objetivo destacar e analisar as influências do meio sociocultural e religioso no processo de luto por suicídio, a partir de uma revisão bibliográfica. Por fim, conclui-se que o estigma, alimentado pelo julgamento social, está diretamente ligado à presença de sentimento de culpa, autoacusaçã, angústia, ansiedade e revolta nos enlutados, e a religião, por sua vez, atua como uma das principais estratégias de enfrentamento.

Palavras-chaves: Luto. Suicídio. Estigma. Fatores Socioculturais. Fatores Religiosos.

ABSTRACT

Death is a phenomenon that is still little discussed, even though it is a certainty and one of the stages of human development. In the context of suicide, this voluntary death makes it even more difficult to talk about, which consequently affects the way the bereaved deal

¹ Graduanda em Psicologia - Uninassau FAP, Teresina - PI. (anaceciliabarretoamorim@gmail.com)

² Graduanda em Psicologia - Uninassau FAP, Teresina - PI.

³ Graduanda em Psicologia - Uninassau FAP, Teresina - PI.

⁴ Psicóloga, docente e mestre em Políticas Públicas, Teresina - PI.

with their grief. However, over time, various studies on bereavement have emerged, providing a deeper understanding and increasing the visibility of this once taboo subject. In view of this, the aim of this paper is to highlight and analyze the influences of the socio-cultural and religious environment on the process of mourning suicide, based on a literature review. Finally, it is concluded that stigma, fed by social judgment, is directly linked to the presence of feelings of guilt, self-accusation, anguish, anxiety and revolt in the bereaved, and religion, in turn, acts as one of the main coping strategies.

Keywords: Bereavement. Suicide. Stigma. Sociocultural factors. Religious factors.

1 INTRODUÇÃO

O comportamento suicida abrange o espectro individual, social, cultural, histórico de cada época (Fukumitsu; Kovács, 2016). Segundo o Conselho Federal de psicologia (CFP, 2013), o suicídio foi a segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos em todo o mundo em 2015, e 78% deles ocorreram em países de baixa e média renda. As repercussões dessa morte atingem diversos níveis, afetando familiares e pessoas próximas ao falecido, no contexto individual e social (Rocha; Lima, 2019).

O suicídio possui um significado maior que apenas matar a si mesmo: a morte auto infligida é um ato humano que provoca o sofrimento nas pessoas que ficaram e vivenciaram seu impacto (Fukumitsu; Kovács, 2016). Análogo a isso, Franco (2011) explica que o luto não é apenas uma experiência difícil, mas sim um momento de crise. Este fenômeno manifesta-se devido ao desequilíbrio entre a magnitude de ajustamento necessário de uma só vez e os recursos disponíveis para enfrentá-lo. Sendo assim, o sujeito enlutado necessita de um período de tempo e de elementos adequados para promover sua recuperação. Chama-se quem vive esse processo de luto “sobrevivente” todos aqueles inseridos no convívio social do sujeito que se suicidou, no entanto, o impacto de ser sobrevivente tem sido mais extensamente tratado no contexto das famílias enlutadas por suicídio (Tavares, 2013).

Segundo Fukumitsu e Kovács (2016), o luto assim como o suicídio, não deve ser resumido a explicações simplistas, o processo de luto não deve apresentar uma única compreensão. Parkes (2009) complementa esse conceito afirmando que o luto é uma transição social significativa, cujo impacto se propaga por todas as áreas humanas: emocional, física, religiosa, familiar, social e cultural. Devendo ser discutido e tratado levando em consideração a interação dessas esferas e seus graus de influência na vida do enlutado.

Considerando os efeitos do luto, bem como os diversos contextos que envolvem o enlutado, o presente trabalho tem o intuito de identificar os aspectos sociais, culturais e religiosos que influenciam o processo de luto por suicídio, proporcionando uma reflexão sobre esses fatores que podem agravar ou não os impactos do suicídio. A pesquisa foi conduzida através de um levantamento bibliográfico, onde os dados foram organizados e tratados em uma ordem de acontecimentos, se iniciando com o “suicídio” e finalizando com as discussões sobre os “aspectos socioculturais e religiosos”.

Suicídio: Um grito silencioso e tardio por ajuda

A morte sempre intrigou e espantou a humanidade, mesmo sendo um marcador social do qual nenhum ser humano será poupado. No contexto específico do suicídio, a complexidade do fenômeno se intensifica, de forma que poderia ter sido adiada ou evitada. O suicídio é uma ocorrência de alcance global que simboliza um grave problema de saúde pública, sendo observado desde a antiguidade e manifestando-se de maneira universal em diversas culturas e entre os distintos gêneros (Almeida *et al.*, 2021).

Como divulgado pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2014), o Brasil se posiciona como o oitavo país com as mais significativas taxas de suicídio. É importante salientar que o crescimento dessas ocorrências é uma tendência mais notória na região das Américas, onde evidencia-se que mais de 700 mil pessoas se suicidam, representando uma a cada 100 mortes registradas (OMS, 2022). Somado a isso, no ano de 2023, os números da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), do Ministério da Saúde, indicaram uma elevação de 43% no país de 2010 a 2019, passando de 9.454 casos de suicídio para 13.523.

De acordo com Sebastião (2017), o suicídio na perspectiva contemporânea é visto como um *continuum*, no qual existem a ideação suicida, a tentativa e o ato consumado. Mesmo diante de dados e do reconhecimento da sua gravidade e complexidade, o suicídio ainda se configura como um tema tabu e assim permanece demarcado pelo véu do silêncio, que perpassa a prevenção, crise e pós-venção, na qual esta última cuida da saúde dos enlutados, impedindo que tal questão seja analisada de maneira irrestrita pelo corpo social, acarretando em desdobramentos adversos, visto que a expansão da conscientização desse assunto representa um dos meios de prevenção (Teixeira *et al.*, 2019; Lóss *et al.*, 2020).

Enquanto fenômeno social, na tentativa de manejar intervenções direcionadas aos indivíduos com ideações suicidas, foi abraçada a campanha “Setembro Amarelo”, em Brasília no ano de 2015 por intermédio do Centro de Valorização da Vida (CVV), através do Conselho Federal de Medicina (CFM) e pela Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), com o propósito de aprimorar a tomada de consciência da população sobre as formas de prevenção ao suicídio e alertar a todos em relação dessa problemática, tanto no Brasil quanto em todo o mundo (Almeida *et al.*, 2021).

Segundo a ABP (2014), o suicídio também é entendido como um comportamento resultante da interação multifacetada entre os coeficientes psicológicos, biológicos, culturais, genéticos e socioambientais. Logo, tal fenômeno não deve ser olhado de forma simplista e efêmera, já que não se abstém unicamente por um determinado acontecimento na vida do sujeito, mas por aspectos acumulados durante toda sua história, constituindo, então, a fatal culminância de uma morte tão complexa. Fukumitsu e Kovács (2016) apontam que o suicídio não significa apenas matar a si mesmo, pois é um ato que provoca o sofrimento das pessoas que ficaram e vivenciaram seu impacto.

Ainda é preciso buscar um melhor entendimento sobre o fenômeno do suicídio que ultrapasse e se desfaça das barreiras enraizadas do preconceito e do tabu, dado que é equivocado continuar pensando que falar de suicídio estimule alguém a realizar tal ato. É contundente destacar que, devido à sua natureza altamente polêmica os sujeitos que já tenham experienciado tentativas de suicídio não devem ser objeto de julgamento, mas sim tratados com empatia e amparo, visando a promoção de fatores de proteção apropriados. Reforçar a elaboração de estratégias para a condução de indivíduos em situações de risco suicida a partir do reconhecimento de indicadores de alerta, e, com base nesses sinais, desenvolver intervenções destinadas a mitigar tal desfecho, é essencial (Almeida *et al.*, 2021).

O processo de luto quando o adeus é inesperado

O processo de luto é um fenômeno intrínseco à experiência humana diante de uma perda significativa, que compreende a adaptação do enlutado nesse momento difícil, envolvendo uma série de etapas ou fases com o intuito de alcançar o reequilíbrio. De acordo com Ramos (2016) a perda de um ente querido pode exercer influência sobre a dinâmica de

uma família, uma vez que o contexto familiar se modifica, e seus membros se veem obrigados a se reorganizar e redefinir papéis.

Segundo Parkes (1998), o luto é entendido como uma importante transição psicossocial, que tem impacto em todas as áreas de influência humana. Muitas pessoas experimentam dor física, bem como dor emocional e comportamental associadas à perda. Uma vez que a pessoa em luto tem que passar por esse processo para lidar com a situação de perder alguém, qualquer tentativa de evitar ou suprimir essa dor irá provavelmente prolongar o processo de luto (Worden, 1991).

Para Kovács (1992) a morte do outro é vivida como se uma parte nossa morresse, e essa é ligada ao outro pelos vínculos estabelecidos. Se a perda ocorre de maneira brusca e inesperada, há uma potencialidade de desorganização, paralisação e impotência. As mortes inesperadas são bastante complicadas, pela sua característica de ruptura brusca e pela falta de preparo do enlutado diante da perda. Quando há mutilação do corpo, isso costuma ser um fator agravante, acarretando revolta e desespero, pois o estado em que fica o morto pode ter fortes influências nas memórias e lembranças que se tem dele (Carnaúba *et al.*, 2016)

Nesse sentido, perder alguém especial é um fator que gera muito estresse, a ocorrência de uma morte súbita ou violenta pode desencadear reações mais intensas e angustiantes em comparação com aquelas observadas em casos de morte natural. Parkes (1998) afirma que o processo do luto tende a causar desconforto, alterar funções, aumentar níveis de ansiedade, em potencial maior para aqueles que presenciaram o momento em que o ente faleceu.

As fases do processo do luto são descritas por diversos autores com pequenas variações na denominação e algumas características específicas. Cada fase representa um conjunto distinto de reações psicológicas e emocionais que auxiliam na compreensão da complexidade do processo de luto. Uma das abordagens mais influentes no entendimento do luto é o modelo das cinco fases proposto por Elisabeth Kübler-Ross, em 1969.

Em seu livro “Sobre a Morte e o Morrer”, a autora descreve uma sequência de estágios emocionais que indivíduos atravessam em resposta a perda, são eles: negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação. A negação é uma defesa temporária após o choque inicial da perda. Na fase da raiva, a negação é substituída por sentimento de revolta, inveja e ressentimento. No entanto, expressar essa raiva pode trazer alívio e contribuir para uma melhor aceitação do luto.

Ainda nesta perspectiva, segundo Ross (1985), na barganha o enlutado tenta negociar seus medos diante da perda. Já na fase da depressão surgem outras perdas decorrentes, intensificando o estado emocional. Na aceitação, as pessoas tendem a se acalmar e expressar melhor seus sentimentos. No entanto, a duração e a intensidade de cada estágio podem variar de pessoa para pessoa, dependendo da situação vivenciada e da subjetividade de cada indivíduo. É crucial compreender que passar muito tempo na negação pode dificultar esse processo de aceitação.

Conforme Franco (2011) “O luto de uma forma ou de outra, está na vida de todos nós e nos atinge em aspectos pessoais e relacionais no âmbito da família, e considerando-se os diferentes momentos de seu ciclo de vida, o impacto causado pela morte de alguém” (Franco, 2011 *apud et al* Pereira; Pires, 2018). Independente das distintas definições do luto atribuídas pelos autores, é possível observar que existe um consenso sobre o quanto este processo é inevitável, todas as pessoas que perdem um ente querido tendem a passar por isso. Esta fase possui um vasto leque de sentimentos e mudanças que invadem e interferem no funcionamento emocional de uma pessoa. Como mencionado anteriormente, perdas repentinas refletem um grau ainda maior de dificuldades em relação a uma perda que pode ser, de certa forma, preparada (Basso, Wainer, 2011)

Luto por suicídio: Enfrentando a dor da perda e o estigma social

As diferentes formas de enfrentar o luto e o processo que o envolve refletem como o modo de lidar com o fato depende do auto e do heterossuporte do enlutado, ou seja, dos recursos internos e das inúmeras inter-relações e ajustamentos criativos que ele possa realizar conforme a interação com o meio ambiente (Fukumitsu e Kovács, 2016).

Essas interações que envolvem comentários ou modos de julgamento, vergonha do ato ou a restrição social devida a representação negativa do suicídio, podem influenciar também a forma de se ver em relação ao ato. Dado que, apesar de as pessoas compreenderem que a escolha pelo suicídio foi do indivíduo que já manifestava estresse, a culpa, a autoacusação, os sentimentos de angústia e ansiedade por não compreenderem o ato, por sensação de desamparo, ou ainda por revolta em não admitir que o suicida teria motivos para cometê-lo, mostram-se presentes na vida dos enlutados (Martins e Leão, 2010).

Dentre os recursos externos que perpassam o luto, a cultura encontra-se diretamente atrelada, sendo responsável por apresentar algumas prescrições de como a morte deve ser enfrentada e quais os comportamentos e rituais que devem ser cumpridos pelos enlutados (Kovács, 1992). Em certas culturas primitivas, o suicídio era um evento constituinte dos costumes tribais. Na Antiguidade greco-romana, era visto como exercício racional de um direito pessoal. Na Idade Média, um pecado mortal, fruto de instigação demoníaca, o suicídio transformou-se em dilema humano no século XVII. A partir da segunda metade do século XX, a frequente associação entre suicídio e transtornos mentais embasou sua prevenção no âmbito da saúde pública (Botega, 2015). Isso porque, segundo a obra “O suicídio”, de Émile Durkheim (1897), o problema do suicídio deixa de ser individual e passa a ser coletivo, e associado aos problemas sociais, Durkheim também o relacionou ao grau de coesão social em diversas culturas e agrupamentos populacionais.

Devido a conscientização pela prevenção do suicídio, há uma falsa sensação de desmistificação da morte pelo ato, porém, ainda é um caso no qual a perda não é socialmente comentada. De acordo com Worden (1988), geralmente quando a morte acontece dessa forma e as circunstâncias são ambíguas e ninguém quer dizer se foi suicídio ou acidente, há assim, uma tendência dos familiares e amigos não falarem sobre a morte. Esse silêncio pode causar danos às pessoas enlutadas que necessitam falar com os outros sobre seu luto.

Além das emoções e reações naturais do luto, os familiares e amigos da pessoa que cometeu suicídio podem transitar entre sentimentos e reações ambivalentes, como preocupação, desconforto, medo, raiva, acusação, frustração, banalização, esperança, culpa, disponibilidade, superproteção, cansaço, irritação e hostilidade (Botega, 2015).

Questões de gênero também vão percorrer não somente a temática do suicídio, mas também do luto. Os sobreviventes, em especial as mulheres, poderão sentir vergonha por não terem sido suficientemente cuidadores, ou, ainda, por terem sido negligentes, além da preocupação sobre o que as pessoas podem estar pensando a seu respeito. Como resultado, o luto por suicídio pode ser uma experiência dolorosa, causando intenso sofrimento psíquico, além de adoecimentos físicos (CFP, 2013).

Outro âmbito social que envolve o luto e as formas de lidar com o suicídio é a religião, que em parte tem o papel de socializar e dirigir os ritos de morte, como forma de lidar com o temor da morte. Esses ritos, práticas e crenças referentes a ela continuam a ser o setor mais primitivo de nossa civilização, porém, tornam-se cada vez mais impessoais, clamando pelo

ocultamento e disfarce da morte como se esta não existisse, devido a uma exigência de domínio e controle (Kovács, 1992). Apesar desse afastamento, segundo Martins e Leão (2010), a religiosidade e o suporte social ainda são as principais estratégias de enfrentamento.

De fato, as religiões, em geral, condenam enfaticamente a interrupção da vida, por vontade própria, considerada como um dom sagrado de Deus, do qual o ser humano não deveria dispor voluntariamente (Moreira-Almeida, Lotufo Neto, 2004). É importante lembrar também que a rigidez na vivência de práticas/dogmas e conflitos com os membros da instituição religiosa são fontes de sofrimento e estresse (Moreira-Almeida et al., 2006). Em contrapartida, é necessário pontuar a relevância da espiritualidade e da religião no comportamento suicida nas diversas etapas da vida humana (De Albergaria e Bredemeier, 2021). Sendo assim, a relação entre suicídio e religião apresenta uma ambivalência notável, visto que, embora possa servir como um recurso para a promoção da vida e a prevenção desse ato, também pode desencadear e agravar a estigmatização associada ao suicídio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O suicídio é uma ocorrência de alcance global e apresenta-se como um problema de saúde pública. As consequências desse ato afetam não apenas o indivíduo que se suicida, mas também seus familiares e próximos, criando um impacto significativo tanto no âmbito pessoal quanto social. O luto decorrente desse evento é considerado uma crise, exigindo um processo de ajustamento que requer tempo e recursos adequados para a recuperação.

Diante disso, a revisão teórica exposta neste artigo buscou identificar como os meios sociocultural e religioso influenciam no processo de luto por suicídio, promovendo uma reflexão sobre os mesmos e como pode-se ampliar ou minimizar os impactos do suicídio. Foi possível perceber que as perdas repentinas tendem a gerar ainda mais dificuldades e afetam os aspectos pessoais e relacionais, trazendo mudanças na vida dos chamados sobreviventes.

Sendo assim, os autores ressaltam que o luto é inevitável após a perda de um ente querido e destacam ainda a adaptação do enlutado durante esse momento difícil por meio de diversas etapas ou fases, visando alcançar um reequilíbrio. As etapas descritas por eles representam as diferentes reações psicológicas e emocionais dos enlutados. A duração e intensidade de cada estágio variam de pessoa para pessoa, de acordo com as circunstâncias dos acontecimentos, bem como do contexto ao qual elas estão inseridas.

Os estudos revelaram ainda que ao longo da história, as diferentes culturas desempenharam o papel de definir como a morte deve ser enfrentada e quais rituais devem ser seguidos pelos enlutados. No entanto, notou-se que a temática do suicídio é cercada por tabus e crenças equivocadas na sociedade, o que dificulta a discussão aberta sobre o assunto. Os julgamentos e a visão negativa do suicídio, podem afetar a percepção do enlutado sobre o ato, motivando sentimento de culpa, autoacusações, angústia, ansiedade e revolta. Para além disso, a religião atua significativamente na forma como o corpo social lida com o luto e o suicídio, pois, enquanto algumas religiões condenam fortemente a ação de interromper a vida, a espiritualidade e o suporte social podem ser estratégias importantes de enfrentamento.

Portanto, com base nos estudos analisados conclui-se que os objetivos do presente artigo foram alcançados. Todavia embora haja um esforço na conscientização para prevenir o suicídio, ainda existe uma relutância em discutir abertamente a morte por esse motivo. O silêncio social em torno dessas mortes pode prejudicar os enlutados, que muitas vezes precisam falar sobre sua perda. Além do mais, identificou-se a carência de estudos no âmbito do luto coletivo especialmente em relação ao racismo, questões econômicas e de gênero. Tais estudos promoveriam uma ampla compreensão e conscientização acerca desse tema, bem como, facilitariam a elaboração de estratégias eficazes para lidar com o luto.

REFERÊNCIAS

ABP – Associação Brasileira de Psiquiatria (2014). **Suicídio: informando para prevenir**. Brasília: CFM/ABP.

Anualmente, mais de 700 mil pessoas cometem suicídio, segundo OMS, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/anualmente-mais-de-700-mil-pessoas-cometem-suicidio-segundo-oms> . Acesso em: 5 dez. 2023.

Brasil é o oitavo país com maior número de suicídios, aponta OMS - Rádio Câmara. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/440947-brasil-e-o-oitavo-pais-com-maior-numero-de-suicidios-aponta-oms/> . Acesso em: 11 nov. 2023.

BOTEGA, Neury José. Crise suicida: Avaliação e manejo. 2. ed. **Porto Alegre: Artmed**, 2015.

BASSO, Lissia Ana; WAINER, Ricardo. Luto e perdas repentinas: contribuições da Terapia Cognitivo-Comportamental. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 7, n. 1, p. 35-43, 2011. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872011000100007 . Acesso em: 5 dez.2023.

CARNAÚBA, Raquel Arruda.; Pelizza, Cláudia Camargo Arthou Sant'Anna.; Cunha, Samai Alcira. Luto em situações de morte inesperada. **PSIQUE**, v. 1, n. 2, p. 43-51, 2016. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/psq/article/view/945> . Acesso em: 5. dez. 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). O suicídio e os desafios para a psicologia. **Brasília: CFP**, 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/suicidio-e-os-desafios-para-a-psicologia/> . Acesso em: 5 dez. 2023.

DE ALMEIDA, Alanny.; *et al.* O suicídio como um problema de saúde pública. **Revista Saúde Coletiva** (Barueri), [S. l.], v. 11, n. 61, p. 5018–5027, 2021. Disponível em: <https://revistasaudecoletiva.com.br/index.php/saudecoletiva/article/download/1208/1456>. Acesso em: 5 dez. 2023. <https://doi.org/10.36489/saudecoletiva.2021v11i61p5018-5027>.

DE ALBERGARIA, Nadja Maria Rocha.; BREDEMEIER, Juliana. Espiritualidade, Religiosidade e Suicídio. *In: Atualizações em Suicidologia: Narrativas, Pesquisas e Experiências*, p. 36-52, 2021. Disponível em: <https://vitaalere.com.br/wp-content/uploads/2021/10/Atualizacoes-em-Suicidologia-Narrativas-Pesquisas-e-Experiencias.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2023.

FUKUMITSU, K. O.; KOVÁCS, M. J. Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. **Psico**, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 3–12, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/19651>. Acesso em: 8 nov. 2023. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2016.1.19651>.

Hospital Santa Mônica. **Quais os índices de suicídio no Brasi? Fique por dentro dos dados.** Disponível em: <https://hospitalsantamonica.com.br/quais-os-indices-de-suicidio-no-brasil-fique-por-dentro-dos-dados/#:~:text=N%C3%BAmeros%20da%20Secretaria%20de%20Vigil%C3%A2ncia>. Acesso em: 5 dez. 2023.

KOVÁCS, Maria Júlia. Atitudes diante da morte: visão histórica, social e cultural. *In: Morte e Desenvolvimento Humano. Casa do Psicólogo, São Paulo*, p. 29-47, 1992. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5746705/mod_resource/content/3/KOV%C3%81CS%2C%20M.%20J.%20-%20Morte%20e%20Desenvolvimento%20Humano.pdf. Acesso em: 08 nov. 2023.

Kubler-Ross E. Sobre a morte e o morrer. Rio de Janeiro: **Editora Martins Fontes**; 1985.

LÓSS, J. da C. S.; ISTOE, R. dos S. C.; DOS SANTOS, M. F. R. Desmistificando os muros do silêncio: tendências dos estudos sobre o fenômeno suicídio e o impacto na saúde pública. *In: Tendências e controvérsias nas pesquisas em ciências sociais e saúde. VARGAS, A. de. F. M.; DE SOUZA. C. H. M.; CAMPOS, M. M (Org). Campos dos Goytacazes, RJ : Brasil Multicultural.* p. 155-166, 2020. Disponível em: <https://brasilmulticultural.org/wp-content/uploads/2020/04/ebook-Tendencias-e-controversias.pdf> . Acesso em: 5 dez. 2023.

MARTINS, S. A. R.; LEÃO, M. F. Análise dos fatores envolvidos no processo de luto das famílias nos casos de suicídio. **Revista Mineira de Ciências da Saúde**, Patos de Minas, n. 2, p. 123-135, 2010. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistasaude/article/view/5053/2969> . Acesso em: 08 nov. 2023.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; LOTUFO NETO, F.; KOENIG, H. G. Religiousness and mental health: a review. **Revista brasileira de psiquiatria**, [s.l.], v. 28, n. 3, p. 242-250, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/v6WPG8DFL5ND3gc4bmhsPRF/?lang=en#> . Acesso em: 5 dez. 2023.

MOREIRA-ALMEIDA, A.; LOTUFO NETO, F. Religião e comportamento suicida: a cultura da morte. In: MELEIRO, A. M. A. S.; TENG, C. T.; WANG, Y. P. Suicídio: estudos fundamentais. **São Paulo: Segmento Farma**, p. 53-60, 2004.

PARKES, Colin Murray. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1998. 294 p.

PEREIRA, Silvana Maria.; Pires, Eliana Ferrante. As experiências de perdas e luto na contemporaneidade: um estudo bibliográfico. **Revista Educação-UNG-Ser**, v. 13, n. 1, p. 200-217, 2018. Disponível em: <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/view/2837> . Acesso em: 5 dez. 2023.

RAMOS, Vera Alexandra Barbosa. O processo de luto. **Revista Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 13-24, 2016. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1021.pdf> . Acesso em 5 dez. 2023.

SEBASTIÃO, Maria Ana Segurado dos Santos. Vida depois da morte: narrativas da experiência de perda de um familiar por suicídio. **Dissertação de mestrado - Psicologia Clínica e da Saúde - Universidade de Évora**, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/20918> . Acesso em: 5 dez. 2023.

TEIXEIRA, S. M. de O.; SOUZA, L. E. C.; VIANA, L. M. M. O suicídio como questão de saúde pública. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, [S. l.], v. 31, n. 3, 2018. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/8565> . Acesso em: 5 dez. 2023.

WORDEN, J. W. **Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.